

Artigo: Até que ponto manter o isolamento social?

O medo de sair de casa vai afastar as pessoas de consultas normais

Gilberto Ururahy

26/03/2020 - 01:00

O mundo vive o desafio de enfrentar a pandemia da Covid-19, e novos horizontes se apresentam como forma de enfrentar a doença. Inicialmente, por exemplo, que se trata de um vírus de baixa letalidade, porém de contágio rápido. Também se sabe que é uma doença que pouco atinge as crianças e que, para maioria dos jovens, adultos e idosos, os sintomas serão os de uma gripe. Esse grupo desenvolverá imunidade natural ao ser infectado. Porém, há uma parcela da população que necessita de uma atenção especial, são os idosos e adultos que apresentam doenças crônicas, que são fatores que agravam o coronavírus. Para esses, o cuidado deve ser redobrado.

Entretanto, após a doença já ter chegado a todos os continentes e ter provocado ações de contenção nos países mais afetados, governantes e médicos já começam a considerar amenizar as medidas tomadas e a perspectiva de retomar a rotina normal dos países. O presidente dos EUA foi um que, em entrevista recente, defendeu o retorno da população ao trabalho, fazendo distanciamento social e sem deixar de cuidar dos idosos ao mesmo tempo.

A questão é avaliar o que será pior: manter as medidas de quarentena e de isolamento, mas tendo um impacto não somente na economia, como também na saúde ou propor uma retomada da rotina, considerando cuidados necessários com a parcela de risco da população.

Não será possível manter apenas em isolamento, até a maior parte da população desenvolver o anticorpo, as pessoas com as comorbidades que aumentam o risco da doença?

Esse tema precisa ser discutido, pois a paralisação das atividades traz um risco para a saúde das pessoas. O medo de sair de casa, por exemplo, vai afastar as pessoas de consultas normais de médico e da realização de exames que podem prevenir ou diagnosticar doenças em seu estágio inicial. O isolamento também traz uma preocupação com a saúde mental. Qual será o impacto caso essa situação perdure por muito tempo, ainda mais sabendo que distúrbios psicológicos também resultam em adoecimento do corpo.

Nesse sentido, talvez seja possível considerar a retomada das aulas, considerando que os mais novos não têm desenvolvido sintomas e poderão adquirir imunidade natural. No caso dos adultos, a volta ao trabalho também pode ser uma perspectiva de curto prazo. Caso contraia o vírus, como uma gripe, a pessoa ficaria de repouso em casa até melhorar. É preciso considerar uma abordagem cirúrgica contra a doença, enquanto ainda há tempo e não é preciso lidar com as consequências provocadas por um longo período de paralisação do país.

A Holanda, por exemplo, deixou de lado a possibilidade de “fechar o país completamente”. O primeiro-ministro holandês considerou que uma abordagem rigorosa não seria uma questão de dias ou semanas e traria consequências que devem ser piores do que a própria doença. Por isso, a Holanda decidiu promover a aquisição da “imunidade coletiva”, rejeitando o princípio do confinamento, como decretado em outros países europeus. Sob nenhuma hipótese pensa-se em minimizar a gravidade da situação, mas sim em pensar em alternativas que não provoquem efeitos ainda mais graves, priorizando, entretanto, a segurança das pessoas que mais podem sofrer com a contaminação da doença. Cogitar a retomada das atividades não exclui pensar na saúde das pessoas. Pelo contrário, é algo a se discutir, justamente para prevenir o aumento da incidência de outras doenças.

Gilberto Ururahy é médico